

PÉGUY, POETA DA ESPERANÇA

MILTON DIAS

No primeiro dia da batalha do Marne, ou, mais precisamente, no dia 5 de setembro de 1914, uma bala atingiu a cabeça de Charles Péguy e o prostrou definitivamente, no justo momento em que, à frente duma companhia de artilharia, acabara de ordenar aos seus homens: “Atirem, atirem logo, com os diabos!” E assim encerrou, aos 41 anos de idade, seu tempo sobre a terra, exatamente como vivera, de pé, lutando em defesa das suas idéias, do seu país, com a mesma coragem e a mesma autenticidade que usara em todos os momentos da sua vida agitada. Final coerente e apoteótico, digno de quem foi sempre combativo, de quem foi sempre honesto consigo e com os outros.

Personalidade complexa e multiforme, escritor, pensador, poeta, prosador, dramaturgo, ensaísta, cronista, político, Péguy era um filho do povo. Filho do povo fiel à sua origem, mais do que fiel, orgulhoso da humildade da sua ascendência, da mãe empalhadora de cadeiras, do pai marceneiro, da avó que guardava vacas e que não sabia ler nem escrever. Tudo boa gente, amante do trabalho, temente a Deus e às leis, gente da província francesa, de Orléans, do *faubourg* de Borgogne, no *Loiret*, onde aprendera a valorizar a honestidade, a honrar a palavra empenhada, a cumprir zelosamente a sua tarefa de cada dia, fazendo de cada peça de artesanaria

to uma pequena obra-prima. Gente que amava o seu ofício como amava o seu chão, que vivia como os outros da sua classe humilde, sem protestos, sem revolta, sem graves problemas, sem grandes ambições senão as do triunfo da sobrevivência, encerrando o dia com as orações de costume freqüentando a missa aos domingos. Tudo dentro do figurino bem comportado das famílias do seu nível, artesãos, operários, pequenos agricultores.

Foi daí que saiu Charles Péguy, temperamento original, apaixonado, ardente, patriota exaltado, místico, católico independente, cioso da verdade, orgulhoso da sua raça, da sua província, do seu povo, do passado da França, cultivando o sonho generoso e lírico de reconstruir o mundo, consertando a humanidade. E, sincero nos seus propósitos, não mistifica, não vacila, não engana nem se deixa enganar.

Um homem intransigente nos seus princípios, usando a intolerância dos fortes e a generosa compreensão dos sábios, desinteressado, destemido, desambicioso e exigente e refletido, terrível no ataque e na defesa, com um sentimento de honra moldado na melhor linha de Corneille. Desdenhava o dinheiro, a promoção pessoal, as honrarias, detestava a mentira, a hipocrisia, a pretensão.

Tinha certamente um caráter difícil, apesar de acessível e não devia ser fácil ser seu amigo — mas é ele mesmo quem dá esta definição de amizade: “Felizes os amigos que se amam bastante, que se conhecem bem, que se compreendem às maravilhas e que são bastante chegados um ao outro, que pensam e sentem da mesma maneira, suficientemente juntos espiritualmente, cada um de per si, sempre os mesmos, lado a lado, para saber também se calar juntos.”

A bala que o atingiu foi a chave que lhe abriu, no mesmo momento, as portas da glória — e imediatamente, os que ainda não o admiravam ou não o conheciam, se puseram ao estudo da sua obra, desde então analisada em vários planos, em mais de duzentos livros — e se debruçaram sobre a sua vida e sobre as suas produções. Seus versos foram reproduzi-

dos, citados e recitados e o grande público o descobriu e sua voz, que muita vez quedou sem eco, passou a ser ouvida, sua mensagem compreendida, aceita, louvada, seus livros reeditados em tiragens numerosas. A louvação que não conhecera em vida o aguardava no pórtico da morte.

O povo seu irmão conheceu seus cantos de amor à França e os aprendeu e se conscientizou da sua grandeza, do seu compromisso com o passado e da sua responsabilidade com o futuro.

Péguy, poeta e apóstolo, reconhece e proclama que pertence a uma geração sacrificada, mas se engaja no seu tempo, aceita o sacrifício que lhe fora tacitamente imposto e o faz com dignidade e bravura, ensina o respeito aos valores espirituais, convoca os compatriotas à compreensão da importância de cada momento histórico, persuade-os da necessidade de identificação com outras gerações, acusa os injustos e defende os inocentes. Assim como fez, por exemplo, por ocasião do Caso Dreyfus, em que se manifestou radicalmente “dreyfusard”. Radicalmente, certo, porque não fazia nada pela metade, não tinha vocação para a neutralidade, nunca seria um daqueles mornos de que falam os Evangelhos.

Se lhe tivesse sido permitido escolher a sua morte, teria certamente escolhido morrer assim como morreu. Pois em *Ève*, um dos seus poemas mais famosos e mais longos, que só apareceu depois da sua morte e que Durel julga “a obra mais considerável que se produziu em catolicidade, desde o século XIV”, o poeta cantara a glória dos que se sacrificam pela pátria:

“ — *Heureux ceux qui sont morts pour la terre charnelle,
Mais pourvu que ce fût dans une juste guerre.
Heureux ceux qui sont morts pour quatre coins de terre.
Heureux ceux qui sont morts d'une mort solennelle.*

*

* *

*Heureux ceux qui sont morts dans les grandes batailles,
Couchés dessus le sol à la face de Dieu.*

*Heureux ceux qui sont morts sur un dernier haut lieu,
Parmi tout l'appareil des grandes funérailles.*

*
* *
*

*Heureux ceux qui sont morts pour des cités charnelles.
Car elles sont le corps de la cité de Dieu.*

*Heureux ceux qui sont morts pour leur âtre et leur feu,
Et les pauvres honneurs des maisons paternelles”.*

*
* *
*

Havia uma predestinação naquele pequeno camponês rosado, aluno da escola pública, a quem o professor ofereceu a oportunidade duma bolsa de estudos no Liceu de Orléans, que, por sua vez, o enviou a Paris, no término do curso, para fazer a Escola Normal. Fracassa inicialmente e aproveita o tempo para fazer o serviço militar. Estuda em seguida no Sainte Barbe, no Louis-Le-Grand e chega finalmente à escola da Rue d’Ulm, onde, bem depressa, sofre a influência de leituras, de colegas e amigos e mestres, principalmente de Jaurès, chefe do Partido Socialista.

Diz-se, pois, que seu socialismo é filho da Escola Normal, a conhecida “chocadeira de intelectuais”, mas é filho também do seu desejo de melhorar a sorte dos pobres, é filho da caridade, do amor ao próximo e de boas intenções, o que leva Tharaud a afirmar que aquele socialismo parecia mais o de São Francisco do que o de Karl Marx.

Jean Roussel observa: “Sabe-se hoje que o socialismo de Péguy não parece nunca com o dos intelectuais. Doutrinas e sistemas o retêm menos do que o conteúdo religioso que ele concede ao movimento. Através do normalista, é o povo, com sua selva, sua longa herança de séculos de misérias silenciosas, que se inicia com as doutrinas novas. Todavia, nós estamos,

de repente, bastante longe dos teóricos do marxismo: Péguy procura uma religião de salvação temporal; já, ele é dominado completamente por uma existência que ultrapassa a sua vida.”

Sua primeira Joana d’Arc, a de 1897, a que se chama a Joana d’Arc socialista, para distinguir da segunda, dedicada a todos aqueles e a todas aquelas que morreram porque tentaram remédio para o mal universal — reunia aspectos e virtudes da heroína cristã e da heroína socialista: era a voz reivindicatória do povo de onde saíra, a voz ingênua e verdadeira da província, a voz pura e quente do campo, a voz frágil da menina que ganha força com a fé e levanta exércitos, símbolo das aspirações da alma coletiva. Era a vontade do povo que se manifestava e se impunha e se opunha ao poder do rei. Há uma evidente identidade entre a piedade que Joana d’Arc experimenta pelos pobres e aquela que Péguy cultivava com relação aos operários.

Foi certamente levado ao socialismo por um sentimento de justiça, na ilusão de que pleiteava uma solução para as desigualdades sociais. Decepcionado, entendeu, como Claudel, que o apelo ao divino era indispensável para resolver os problemas fundamentais do homem, que não podem ser equacionados com a frieza de números e regras, como o arquiteto que em cima da sua prancheta planeja o edifício, como o engenheiro que assenta sobre os cálculos matemáticos a sua construção.

Péguy traz o seu depoimento, como numa auto-análise: “É incontestável que no nosso socialismo mesmo, havia infinitamente mais cristianismo do que em toda a Madeleine, Saint Pierre de Chaillot e Saint Philippe-du-Roule e Saint Honoré d’Eylau” (igrejas situadas nos bairros elegantes de Paris) (Notre Jeunesse, 1910).

A propósito da conversão de Péguy, gostaria de citar apenas estas suas declarações a George Valois, numa entrevista que lhe concedeu em 1910:

“Não se deve falar de transformação, nem de conversão. Eu sou o mesmo homem, mas, da mesma maneira que uma árvore com suas folhas é parecida com seu próprio esqueleto de inverno. É a mesma árvore ou não é?”

Não houve, pois, conversão, houve uma volta. Péguy utiliza o verbo reencontrar, quando fala desta nova fase, ao seu amigo Joseph Lotte, dizendo: “Eu reencontro a fé católica, eu sou católico.”

Quando abandona o socialismo, é logo para Joana d’Arc que se volta com toda intensidade, escreve “Le Mystère de la Charité de Jeanne d’Arc” — o que representa, sem dúvida, a evolução espiritual do poeta que pode ser acompanhada comparando as duas Joana d’Arc. É a própria história de Péguy, aos poucos desencantado com o que parecia um verdadeiro ideal.

E o que parece ter bastante contribuído para este desencantamento com relação ao socialismo então pregado foi o estímulo ao não trabalho. Péguy sofria, diz André Maurois, “ao ver o socialismo, em que acreditava, transformado em evangelho de recusa ao trabalho”. E o trabalho era uma das suas paixões, dos seus mandamentos pessoais e familiares.

Mas Péguy católico ou socialista, ou socialista cristão, ou militante político, dreyfusista, católico de novo, foi sempre um homem sincero. Em todas as fases da sua evolução intelectual e espiritual foi sempre um puro, no sentido da autenticidade, nos seus princípios morais, em todos os momentos da sua vida, nos pequenos e grandes gestos, em todas as lutas em que se envolveu, empenhando-se sempre arduamente por causas que considerava certas.

*

* * *

O poeta não se aflige apenas com problemas pessoais: são os sofrimentos do homem que ele vai derramar na igreja, angustiada, atônita, inquieto, como se assumisse o remorso por todos e por todos viesse pedir a palavra de perdão, numa confissão cheia do arrependimento que pretendia es-

tender ao mundo inteiro: pelos erros cometidos, pelas injustiças, pelas incompreensões, pela ingratidão, pelas crueldades, pelas ofensas que a cada hora se praticam. Péguy se sente responsável, como se tivesse consciência da sua predestinação, da capacidade de liderança espiritual e intelectual, que finalmente exerceria, escolhendo o caminho da poesia:

*“Como os fiéis passam de mão em mão a água benta,
Assim nós, fiéis, devemos passar de coração em coração a pu-
[lavra de Deus.]”*

*“De mão em mão, de coração em coração nós devemos passar
[a divina Esperança.]”*

E o tortura a idéia de que o homem, se desviando do caminho que lhe fora indicado, se desgoverna e se perde e se condena. É a salvação de cada pessoa que o preocupa. É o conflito instalado pela visão que tem da eternidade e das conseqüências irreversíveis que a queda freqüente pode trazer. Tem as mesmas preocupações de Joana d’Arc, seu modelo.

O drama do nascimento, vida, paixão e morte de Cristo se renova nas suas palavras, às vezes até numa contextura oratória, desde o momento em que, no “Mystère de la Charité”, Jeannette lembra que “uma estrela apareceu, uma estrela alta, que nunca mais subirá”.

O dogma da encarnação tem um lugar de importância capital nas reflexões de Péguy e em torno desse tema desenvolve uma longa, constante, profunda meditação. Na sua “Introduction aux 3 Mystères de Péguy”, Jean Onimus entrega a chave para a interpretação da obra do poeta, aborda inteligentemente o problema da encarnação,

*“singular mistério, o mais misterioso
Deus nos confiou seu filho, ‘hélas, hélas’ ”.*

Péguy ressalta o gesto de Deus que se fez homem, se encarnou, sentiu, viveu, sofreu a condição humana: foi assim que pôde entender a fraqueza e a força da criatura. Foi habitando a carne que pôde ter a dimensão verdadeira de todas

as implicações decorrentes do fato de ter assumido a matéria, foi como homem que viveu, como homem que temeu o fim: "Afastai de mim, Pai, este cálice de amargura." Foi como homem que experimentou a angústia, o horror, a agonia da morte. A virtude da resistência à tentação carnal não existiria, não fora o homem o animal pensante da terra, a quem foi dado o direito da livre opção. A resistência ou a entrega ao pecado só podem ser compreendidas quando se experimentam as situações que levam a vencer ou a sucumbir. E a alma, com os gigantes que a povoam, decide em se deixar comandar por eles, ou em comandá-los. O amor, o ódio, o medo, o dever, não podem ser avaliados na contextura divina. A grandeza da santidade consiste na capacidade de conservação da pureza dentro dos quadros terrenos a que está inapelavelmente inscrita, diria melhor, sujeita, a humana gente. Há mais virtude no coração que preservou a carne intocada, quando as solicitações se levantaram poderosas e foram dominadas, quando, realmente, o homem optou, por sua vontade, entre o Bem e o Mal. Daí a explicação bíblica de que há mais alegria quando entra um pecador no céu, do que quando chegam cem justos. O pecador que conviveu com o pecado, que o experimentou e o superou e mereceu o perdão. Assim é o seu pensar.

Jean Onimus faz, a propósito, uma observação muito exata: "Péguy não tem pelos anjos uma simpatia muito forte:

"Voilà ce que les anges, mon enfant, ne connaissent, pas.

Je veux dire voilà ce qu'ils n'ont pas éprouvé.

Ce que c'est que d'avoir ce corps; d'avoir cette liaison

[avec ce corps; d'être ce corps.

D'avoir cette liaison avec la terre, avec cette terre, d'être

cette terre, le limon et la poussière, la cendre et la

[boue de la terre,

Le corps même de Jésus."

(Le Porche du Mystère de la 2ème. Vertu).

Sim, porque a natureza dos anjos é completamente outra, não ameaçada pelo pecado, não subordinada à encantação, não experimentou o paralelo espiritual-carnal, não conheceu o binômio alma-corpo: permaneceu no plano extra-humano. Não provou a inquietação nem o desespero, não conheceu a chama exigente e consumidora, que ilumina e queima, não se expôs ao naufrágio, não precisou lutar contra a carne. Simplesmente a ignorou, em contraste absoluto com a posição do homem que carrega consigo o céu e o inferno, na dupla postulação a que Baudelaire foi particularmente sensível, entre Deus e Satã.

É nesta medida que Péguy compreende porque Deus se interessa, sobretudo, pelo destino do homem, que o adora e o ofende, que o louva e o esquece, que conhece todas as misérias e grandezas, que se entrega ou recusa. A grande simpatia, a grande compreensão do poeta pelo homem, repousa exatamente na posição que pode assumir no ato da escolha.

É nesta ordem de idéias que se pode compreender o culto de Péguy à Virgem Maria. Foi na terra que se consagrou e se afirmou pela sua santidade, dentro do invólucro humano, sujeita a todos os percalços.

*“Régente de la mer et de l’illustre port
Nous ne demandons rien dans ces amendements
Reine, que de garder sous vos commandements
Une fidélité plus forte que la mort.”*

É à Virgem que se abandona, a ela que se dirige, é nela que se apóia, é a ela que confia seus filhos, foi para ela que compôs as “Cinq Prières de la Cathédrale de Chartres”.

*

* *

Seus biógrafos observam que Péguy escreve copiosamente, incansavelmente, como se tivesse medo de não ter tempo

de dizer tudo. É que o poeta tem muito o que dizer e produz como num transporte, como numa febre, num estado de excitação intelectual, talvez emocional. Ele mesmo informa: “Produzo todo tempo, no trem, no bonde.” As idéias se multiplicam, as palavras transbordam, os sinônimos se acumulam, as expressões se repetem, às vezes abusivamente. O estudo de uma única frase de Péguy dá idéia do seu mecanismo estilístico. Tomo aqui, ao acaso, um pequeno trecho de “Notre Jeunesse”:

“J’ajoute que pour nous, chez nous, en nous, ce mouvement religieux était d’essence chrétienne, d’origine chrétienne, qu’il poussait de souche chrétienne, qu’il coulait de l’antique source.”

Nesta mostra de tão poucas palavras, Péguy empregou seis vezes o pronome “nous”, três vezes a palavra “chrétienne.” O exercício poderia prosseguir.

Os pensamentos lhe fluem aos borbotões, as palavras saltam numerosas, pretendendo acompanhar a rapidez das idéias e ele trabalha com pressa, abordando os grandes temas que ainda agora nos preocupam e que eram nele uma verdadeira obsessão. Não importa que sua voz não seja ouvida, no seu tempo, não importa se “Le Mystère de la Charité de Jeanne d’ Arc” e “Le Proche du Mystère de la Deuxième Vertu” ou “Le Mystère des Saintes Innocents” não tenham a repercussão esperada e a acolhida que mereciam. Não importa se deste último volume de versos sobre Sainte Geneviève só tenham sido vendidos quatro exemplares nas primeiras semanas, nem importa que a “Revue des Deux Mondes” lhe recuse a publicação de três sonetos.

Como se diz hoje, Péguy dá o seu recado, vai em frente, ativo e constante: é um homem que pensa, que estuda, que trabalha, é um escritor e um poeta por vocação, tem consciência da importância da sua mensagem, tem certeza de que cedo ou tarde sua voz será ouvida.

Seus dias foram decorrendo com pressa, mas sempre observando a linha de coerência. Cada vez que mudou de rota foi na persuasão de que estava tomando o caminho certo, o destino da verdade, que foi a sua permanente paixão. Nos “*Cahiers de La Quinzaine*”, ele declara seu desejo de “dizer a verdade, dizer tolamente a verdade tola, aborrecidamente a verdade aborrecida, tristemente a verdade triste”. E reforça: “Quem não grita a verdade, quando sabe a verdade, se faz cúmplice dos mentirosos e poltrões.”

Por ocasião do caso Dreyfus, em que tomou partido violentamente como “dreyfusard” exaltado, fez a sua profissão de fé, confirmando o ideal que perseguia:

“A Justiça e a Verdade que nós amamos, a que nós demos tudo, a que nos demos completamente durante todo o tempo da nossa juventude, não eram absolutamente verdades e justiças de conceito, não eram absolutamente justiças e verdades mortas, não eram absolutamente justiças e verdades de livros e bibliotecas, elas não eram absolutamente justiças e verdades conceituais, intelectuais, justiças e verdades de partido intelectual, mas eram orgânicas, eram cristã, não eram de nenhum modo modernas, eram eternas e não apenas temporais, eram Justiças e Verdades, uma Justiça e uma Verdade vivas.” (Neste trecho o escritor emprega oito vezes a palavra “verdade”, oito vezes a palavra “justiça” e quatro vezes o advérbio “absolutamente”.)

Há um sentido profético em tudo o que diz. Por isto mesmo foi chamado “Péguy, Profeta”. É preciso ampliar este sentido, que não está apenas nas suas palavras, nas suas atitudes, na sua vida como na sua obra, no seu cotidiano, nos seus versos, no que fazia, no que escrevia, no que vivia, no que sofria, no que lutava, possuído, sem dúvida, pela força mística, com a mesma coragem e a mesma sinceridade com que antes se impregnara de socialismo.

*
* *
*

Toda a obra poética de Péguy foi criada nos últimos quatro anos da sua vida. E cada poema sai como um colóquio, como uma prece, confirmando o que dissera a Abbé Bremmond, que toda poesia autêntica tenderia, ao menos inconscientemente, a se unir à prece. As palavras brotam da pena do poeta, como dos lábios em oração, brotam palavras como brotam rosas e da alma lhe caem versos como água cantante da montanha, que repete nas pedras a mesma melodia, como se pretendesse, pela força das suas repetições, afirmar o vigor da convicção profunda, que dita idéias com a simplicidade e a grandeza das coisas eternas. A linguagem é direta, a frase é rica de sinônimos, o movimento é amplo. Vem tudo como a chuva, como o vento, como o sol, com a mesma naturalidade, a mesma espontaneidade dos gestos da natureza.

O pensamento, o coração, a boca do poeta formam a unidade para a comunicação direta com Deus (“é preferível dirigir-se a Deus do que a seus santos”, dizia ele) — a identificação do humano com o divino se estabelece de forma integral. A terra e o céu se encontram e se entendem no diálogo, porque o fiel, representado pelo poeta, ou vice-versa, não se limita ao monólogo: ouve a palavra do Mestre que ensina e escuta, freqüentemente, pela boca de Madame Gervaise.

É que Péguy se sente representante de todos os homens seus irmãos e se inscreve no concerto universal, com a consciência da verdade, que foi sempre uma constante na sua vida.

As litâneas continuam sua obra em prosa, seguem o mesmo estilo da repetição que às vezes chega ao excesso. E a conversa em feitiço de oração é muito individual na forma. Os versos saem, na sua maioria (principalmente no verso livre), em tom de ladainha, que alterna com o cantochão, raramente com o acalanto, ameaçando tombar na monotonia do monocórdio. Mas é este o seu deliberado processo de criação e as enumerações são intencionais, enriquecem o seu trabalho de elaboração, para estabelecer o clima místico, favorecido pelo versículo bíblico. Um analista da sua obra lembrou que seu processo se assemelha ao do compositor musical, que em

torno dum motivo vai inventando variações e voltando ao tema central:

François Porché observa que “é no interior da alma, no mistério da inspiração que se opera a comunhão entre este escritor que foi nosso contemporâneo e a sensibilidade dos tempos antigos. Uma vez realizada a fusão, o canto se eleva sob uma forma inventada, que é ao mesmo tempo de hoje e de outrora; de hoje pela aparelhagem exterior da linguagem, pela sintaxe e pelo vocabulário (os arcaísmos são raros, repudiados sistematicamente como “pastiche”, precisamente); de outrora pelo tom, por uma ressonância indefinida, íntima, longínqua, restituída, reencontrada nas profundezas, exalada em seguida, quente, ardente, como um hálito novo.”

*

* *

Há uma dinâmica aliciante nos seus versos que levam o leitor, inelutavelmente, a acompanhá-lo. Há um ritmo que convida, que convoca, que incita. Mais do que nos outros, sente-se esta cadência animada na “Apresentação da Beauce a Nossa Senhora de Chartres”. Em todo esse longo poema, de “La Tapisserie de Notre Dame”, escrito em versos regulares, com um número fixo de sílabas submetidas à obrigação da rima em 90 estrofes, sente o leitor o passo de marcha, o desfile dos que vão pela estrada reta (que tem aí uma conotação de certidão moral), empoeirados, enlameados, molhados, mas contritos, convictos, cheios de fé, cheios de amor (versão europeia dos nossos romeiros que se dirigem a Canindé) atravessando lá as planuras, tão planas que a 17 quilômetros já se avista o campanário da catedral.

E o poeta diz que aquela estrada é a sua porta estreita, numa alusão à porta de que falam os Evangelistas, aquela para onde são muitos os chamados e poucos os escolhidos. Mas não é só a paisagem humana que o poema oferece com imensa beleza, cheia de símbolos que representam as próprias injunções da contingência humana: abre aos nossos

olhos, como num alumbramento, num festival pictórico de grande riqueza plástica, o rio Loiret brilhando ao sol, o rio testemunha dos seus primeiros sofrimentos, o rio glorioso que também vai beijar o augusto manto da Virgem, que vai lavar os pés da colina, como a mulher santa das Escrituras lavou os pés do Senhor. A igreja, os camponeses, seus instrumentos de laborar a terra, as cores do amável país de Beauce, estão lá, com seus trigais agitados como ondas dum mar interminável. Poucos poemas de Péguy hão de ser tão belos, tão perfeitos. Começando com a invocação à “Stella Maris”, na melhor forma da ladainha, traz à nossa presença a estrela matutina, também como nas litanias, e a Torre de Davi, símbolo da majestade e da proteção divina, a torre que se dirige para o alto como a mais dura espiga de trigo que já se levantou para o céu de clemência e de serenidade.

Péguy se insere no contexto do grupo peregrino, como o homem dentro da humanidade. Filho daquele chão (“*nous sommes nés au bord de votre Beauce Plate*”) se reúne aos outros como convivas animados pelos mesmos sentimentos que vão participar da confraternização.

Alguns estudiosos da obra de Péguy chegam a emprestar aos seus versos o ritmo da marcha militar, o passo do soldado, do pelotão em formatura, em movimento. André Maurois, por exemplo, saliente que para bem compreendê-lo, “é preciso lê-lo em voz alta e em compasso de marcha. Esse homem, que tanto amou os longos passeios a pé e as terras caminhantes, esse peão, esse peregrino, escreve prosa e versos como se fossem canções de marcha”. Afinal, é o próprio Péguy que nos leva a confirmar essa observação, utilizando a palavra “marcha” algumas vezes:

*“Vous nous voyez marcher sur cette route droite
Tout poudrés, tout crottés, la pluie entre les dents.
Sur ce large éventail ouvert à tous les vents
La route nationale est notre porte étroite.*

*Nous allons devant nous, les mains le long des poches,
Sans aucun appareil, sans fatras, sans discours,
D'un pas toujours égal, sans hâte ni recours,
Des champs les plus présents vers les champs les plus
[proches.*

*Vous nous voyez en marche, nous sommes la piétaille.
Nous n'avancons jamais que d'un pas à la fois
Mais vingt siècles de peuple et vingt siècles de rois,
Et toute leur séquelle et toute leur volaille.*

*Et leurs chapeaux à plume avec leur valetaille
Ont appris ce que c'est que d'être familiers
Et comme on peut marcher, les pieds dans ses souliers,
Vers un dernier carré le soir d'une bataille..."*

No poema são abordados simbolicamente, mas de maneira muito compreensível, sempre no ritmo do caminhante, os grandes problemas humanos: o drama da solidão, (“*et nos amis absents et nos coeurs dépeuplés*”) a franqueza pedindo ajuda, o desespero carente de consolo, a fraternidade, o pecador e o pecado, a presença da confiança, a graça da fé, o apelo a Nossa Senhora a quem os bravos caminhantes vão levar o seu coração como quem oferece a alma. E principalmente o culto à Virgem, aí representada como Rainha:

*“Étoile du matin, inaccessible reine
Voici que nous marchons vers votre illustre cour
Et voici le plateau de notre pauvre amour
Et voici l'océan de notre immense peine.”*

O poeta lança os olhos em torno, canta as belezas bucólicas da sua região d'Orléans e se volta para dentro de si e se volta para a humanidade, exprime sentimentos comuns, com um grande poder de persuasão e uma grande força encantatória, vai compondo imagens, afirma suas certezas, fiel à sua disciplina mental e ao seu método de trabalho: a reflexão

clara vai se desenvolvendo dentro do mecanismo psicológico, com a regularidade com que o artista tece o tapete. A designação de “tapisserie” é pois uma verdadeira “trouvaille”, rica como conteúdo e como símbolo, numa correspondência exata entre o trabalho do artesão e o do poeta. Como um imenso tapete o poema vai se formando e os versos e os pontos se confundem, os fios vão passando, aparecendo, desaparecendo e reaparecendo, com a constância e a regularidade de quem faz o seu trabalho pacientemente, humildemente, conscientemente. A miséria física e a miséria moral estão aí retratadas, a oferenda do pobre amor a Deus, o grito da alma, o soluço, o sofrimento, os milênios históricos de labor no chão orlanês, a justiça, homenagem filial — e encerrando, o pedido para que, depois de tirar seu tempo sobre o chão, sejam os peregrinos lembrados pela Senhora de Chartres, que queira lembrar as longas caminhadas feitas em sua honra. Que se lembre dos versos, dos votos e das promessas feitas.

*“Quand nous aurons quitté ce sac et cette corde
Quand nous aurons tremblé nos derniers tremblements
Quand nous aurons raclé nos derniers raclements
Veuillez nous rappeler votre miséricorde.*

*Nous ne demandons rien, refuge du pécheur
Que la dernière place en votre Purgatoire,
Pour pleurer longuement notre tragique histoire
Et contempler de loin votre jeune splendeur.”*

De volta de uma dessas peregrinações — a que realizou a 10 de junho de 1912 — num momento particularmente difícil da sua vida, com a doença do filho Pierre, e ainda cansado pelo excesso de trabalho, a saúde comprometida, sofrendo o abandono de alguns amigos que não compreenderam a sua “conversão”, enfrentando problemas de ordem pessoal e familiar, Péguy confessa ao seu amigo Lotte:

“Eu não sentia mais nada, nem a fadiga, nem meus pés. Todas as impurezas caíram repentinamente. Eu era um outro

homem.” E Jean Onimus completa: “O que se passou em Chartres, e sobretudo, talvez, na Estrada Nacional 188, é um segredo entre Péguy e Nossa Senhora.”

Mas ele mesmo já explicara ao seu amigo, de forma bastante direta: “Meu velho, eu mudei muito nestes dois anos. Sou um homem novo. Sofri tanto e rezei tanto. Tu não podes saber. Mas eu tenho tesouros de graça, uma superabundância de graças, incrível. . . A glória que me interessava há dois anos, já não me importa mais.”

E P. Féret esclarece que “no mais profundo da sua noite humana, Péguy começou a experiência da esperança cristã”.

O poeta fez da Esperança o seu apanágio — em meio às misérias humanas surge a grande palavra iluminada de alegria e de confiança.

*
* *

Posso agradecer a Deus por me ter dado a oportunidade de repetir o itinerário que percorreu Péguy, de contemplar com os olhos do corpo e da alma a natureza da nobre terra, as férteis planícies da Beauce, os trigais dourados saudando os passantes ao sopro do vento, exatamente como os descrevera o poeta,

“et la profunde houle et l’océan des blés!”

Tive a sorte de orar na mesma catedral, à mesma Virgem a que orara Péguy, não, certamente, com tão grande fé, mas animado da mesma confiança, repetindo o conhecido “Lembra-vos de São Bernardo.”

Muitos séculos decorridos depois da grande aventura de Joana d’Arc, um homem do sertão cearense que desde a infância ouvira a saga da heroína francesa, que era para ele o mito mais belo e a lenda mais longamente cultivada, teve um encontro com a Santa no chão do seu nascimento, numa busca inconsciente da realidade, num desejo de afirmar a convicção, digno de São Tomé.

É que conheci primeiro a versão oral, na boca do povo, — como conheci, na boca dos nossos cantadores as proezas de Carlos Magno e dos Doze Pares de França, ainda repetidas pelos jograis caboclos. Depois, os livros de mais fácil divulgação me contaram outros aspectos da moça de Domrémy, até o meu encontro com Michelet, que ainda aumentou a aura de mistério e de glória que a envolvia aos meus olhos. Pois o historiador, com seu gênio apaixonado, coloria com uma vivacidade de sonho a sua história, sobretudo num trecho muitas vezes lido com meus alunos, que tanto me impressionou, que ainda agora tento reproduzir de cor:

“J’entrais un jour chez un homme qui a beaucoup vécu, beaucoup fait et beaucoup souffert. Il tenait à la main un livre qu’il venait de fermer et semblait plongé dans un rêve; je vis, non sans surprise, que ses yeux étaient pleins de larmes. Enfin, revenant à lui-même: “Elle est donc morte! — Qui? La pauvre Jeanne d’Arc.”

“Telle est la force de cette histoire, telle sa tyrannie sur le coeur, sa puissance pour arracher les larmes!”

Nunca esquecerei a descrição cinematográfica que faz do encontro da “Pucelle d’Orléans” com Charles VII, em Chinon, à noite, no salão do palácio iluminado por cinquenta tochas — e a sua apresentação, “*Comme une pauvre bergere*”, cercada subitamente pelos nobres senhores em trajés magníficos, mais de trezentos cavaleiros em torno do rei — e sem se perturbar, com a voz firme que lhe ditava o ânimo patriótico comandado por vozes misteriosas, que apresentou humildemente: “*Je ne suis qu’une pauvre paysanne, qui ne sait ni lire, ni écrire, mais sous les armes je serai votre servante.*” E, depois da entrevista particular, o delfim reaparecia com a face iluminada, como se tivesse sido visitado pelo Espírito Santo. Quando um dos doutores da igreja lhe fez uma única objeção, mas grave — “*Jeanne, tu dis que Dieu Veut délivrer le peuple de France; si telle est sa volonté, il n’a pas besoin de gens d’armes.*” *Elle ne se troubla point: ‘Ah! mon Dieu, dit-elle, les gens d’armes batailleront et Dieu don-*

nera la victoire.” Foi esta Joana d’Arc que influenciou a infância, a adolescência, a juventude — toda a vida de Péguy, que a projetou na sua alma e na sua obra.

*

* *

Naquela ocasião, dentro do quadro geográfico cultural, sentimental e religioso que tanto amara Péguy, que se identificara tanto com a grandeza moral e espiritual da heroína, pude melhor sentir a visão física e mística do poeta, a transposição que ele faz do material para o espiritual, a revelação da graça que lhe abriu o caminho para a compreensão do Reino de Deus, — e sobretudo me ocorreu a evocação que freqüentemente fizera da infância que lhe era particularmente grata, porque a infância, diz ele, tem a inocência primeira, enquanto “nós não temos senão a inocência recuperada”.

Na verdade, a infância tem uma posição de grande importância na sua obra. A infância e a esperança se encontram e se identificam, principalmente em “Le Porche du Mystère de la 2ème. Vertu”. Na boca de Madame Gervaise põe estas palavras de Deus:

“Car les enfants sont plus créatures.

Que les hommes.

Ils n’ont pas encore été défaits par la vie.

De la terre.

Et entre tous ils sont mes serviteurs.

Avant tous.

Et la voix des enfants est plus pure que la voix du vent

[dans le calme de la vallée.

Dans la vallée recoite.

Et le regard des enfants est plus pur que le bleu du

ciel, que le laiteux du ciel, et qu’un rayon d’étoile

[dans la calme nuit.”

A ternura de Péguy pela infância decorre, certamente, do seu imenso amor paterno: pai amantíssimo, chegara a fazer

promessa em favor do filho Pierre, doente — a promessa de ir a pé a Chartres. O poeta se projeta no poema e se apresenta na situação do pai que tem três filhos e diz, exatamente como se fora o próprio personagem criado:

*“Il pense à ses trois enfants, qui en ce moment — ci
[même jouent au con du feu.*

Jouent-ils, travaillent-ils, on n’en sait rien.

Avec les enfants.

Travaillent-ils avec leur mère.

On n’en sait jamais rien.

Les enfants ne sont pas comme les hommes.

*Pour les enfants jouer, travailler, se reposer, s’arrêter,
[courir, c’est tout un.*

Ensemble.

C’est le même. Ils ne font pas seulement la différence.

Ils sont heureux.

*Aussi leur commandement est le commandement même
[de Jésus.*

De Jésus enfant.

L’espérance aussi est celle qui s’amuse tout le temps!

(Pois, para o poeta a Esperança é uma criança,)

“Ce qui m’étonne, dit Dieu, c’est l’espérance

Et je n’en reviens pas.

Cette petite espérance qui n’a l’air de rien du tout.

Cette petite fille espérance.

Immortelle.

Car mes trois vertus, dit Dieu.

Les trois vertus mes créatures.

Mes filles mes enfants.

Sont elles-mêmes comme mes autres créatures.

De la race des hommes.

La Foi est une Épouse fidèle,

La Charité est une Mère.

Une mère ardente, pleine de coeur.

Ou une soeur ainée qui est comme une mère.”

*“La petite espérance s'avance entre ses deux grandes
soeurs et on ne prend seulement pas garde à elle.*

*Sur le chemin du salut, sur le chemin charnel, sur le
chemin raboteux du salut, sur la route intermina-
ble, sur la route entre ses deux soeurs la petite
[espérance*

S'avance.

Entre ses deux grandes soeurs.

Celle qui est mariée.

Et celle qui est mère.

*Et l'on n'a d'attention le peuple chrétien n'a d'atten-
tion que pour les deux grandes soeurs.*

La première et la dernière.

Qui vont au plus pressé.

Au temps présent.

A l'instant momentané qui passe.

*Le peuple chrétien ne voit que les deux grandes soeurs
n'a de regard que pour les deux grandes soeurs.*

Celle qui est à droite et celle qui est à gauche.

Et il ne voit quasiment pas celle que est au milieu.

La petite celle qui va encore à l'école.

Et qui marche.

Perdue dans les jupes de ses soeurs.

*Et il croit volontiers que ce sont les deux grandes qui
trainent la petite par la main.*

Au milieu.

Entre elles deux.

Pour lui faire ce chemin raboteux du salut.

Les aveugles qui ne voient pas au contraire.

Que c'est elle au milieu qui entraîne ses grandes soeurs.

Et que sans elle elles ne seraient rien.

Que deux femmes déjà âgées.

Deux femmes d'un certain âge.

Frippées par la vie.

*C'est elle cette petite, qui entraîne tout.
Car la Foi ne voit que ce qui est.
Et elle voit ce qui sera.
La Charité n'aime que ce qui est.
Et elle aime ce qui sera."*

Já é quase lugar-comum explicar porque a Esperança é representada como uma criança. Ela tem que ser sempre jovem, sempre nova, intocada pela vida, tem que estar renascendo, a cada hora, a cada minuto, ela tem que ter a força que se renova sempre. Não, nunca será ameaçada pela nostalgia do passado, nunca será ferida pela melancolia da rotina, não estará cansada nunca, que a esperança verdadeira possui a força das coisas permanentes. A incansável energia da criança que marcha deslumbrada para os verdes caminhos do futuro.

*
* *

Talvez a maior, a mais ousada aventura de Charles Péguy, na sua vida aventureira — no melhor sentido da aventura tenha sido a fundação dos famosos “Cahiers de la Quinzaine”, que ainda duraram quinze anos, publicando artigos de toda espécie, políticos, literários, históricos, lançando e promovendo nomes ou divulgando alguns já bem conhecidos, o testemunho vivo e quente de toda uma geração, de toda uma época, contando entre seus colaboradores François Porché, Jérôme et Jean Tharaud, Daniel Halévy, Romain Rolland. Desde o primeiro número que apareceu a 5 de janeiro de 1910, foi um intransigente defensor da sua verdade, independente e altivo, deixando os colaboradores em posição de absoluta liberdade. Ele explicava: “‘Les Cahiers’ são um grupo de homens que crêem em alguma coisa.” E ele aí fazia tudo, da redação à gerência, da administração à revisão, era diretor, ecônomo, artista-impressor e confessava que tinha “tanto contentamento, tanta alegria, tanta felicidade em fazer um belo caderno”, que corrigia tão cuidadosamente as provas dos outros como se fossem as suas.

E se sacrificou financeiramente, naquela sua *boutique* instalada inicialmente na Rue Cujas, depois perto da Sorbonne — apesar da responsabilidade da manutenção da mulher e dos três filhos. Enfrentou toda sorte de dificuldades, mas não desistiu, queria, a todo custo, conservar a sua tribuna particular em que podia travar livremente a sua luta. Até o preço da assinatura variava, ficava ao critério de cada um, ou, mais corretamente, entregue à consciência de cada um. O assinante pobre pagava 2FR, os mais abonados pagavam 20F, 30, até 100FR. E os mais pobres ainda, o recebiam de graça. Havia oitocentas assinaturas gratuitas, na maioria para professores. E os que pagavam, nunca ultrapassavam o número de 200.

René Lalou reconhece que a dificuldade em traçar um retrato de Péguy consiste na abundância da matéria: durante 15 anos ele encheu “Les Cahiers” com as suas confidências. E ainda há a sua obra em livros:

“Le Mystère de la Charité”, em que Jeanne d’Arc quer assumir sozinha o sofrimento alheio, o que configura a sua santidade;

As “Tapisseries”, em que Péguy volta ao verso regular. “La Tapisserie de Sainte Geneviève” e de “Sainte Jeanne d’Arc” em que estabelece a comparação entre as duas santas;

“Le Mystère des Saints Innocents” e “Le Porche du Mystère de la Deuxième Vertu” — dois monólogos de Madame Gervaise que são a palavra de Deus na sua voz;

“La Tapisserie de Notre Dame”, de que consta a famosa apresentação da Beauce a Notre Dame de Chartres, e “Eve”, seu poema mais longo, mais perfeito e mais famoso, com oito mil versos, em que está contida a meditação sobre o mistério da mulher e da salvação.

*

* *

Péguy fez da sua própria vida uma obra de arte, um espelho de comunicação com Deus e com os homens — e na úl-

tima etapa, principalmente, mais pelo exemplo do que pela palavra, pela simplicidade, pela solidariedade, pela caridade, pela bondade, pela fraternidade, pelo altruísmo, pela compreensão dos mistérios, pela valorização da infância e das virtudes, pela iluminação da graça, se fez santo. O Santo que não casou nunca na igreja, que não batizou os filhos, que não se aproximou dos sacramentos, que certamente nunca será canonizado, mas que terá da nossa parte, que o lemos, que o ouvimos, que o seguimos, que o admiramos, que o amamos, o diploma afetivo, espiritual de Santo leigo, no melhor sentido da santidade, o Poeta Santo, o Santo Poeta, que marcou com a esperança a sua voz e a sua vida, o Santo Poeta da Esperança.

Todos os caminhos conduzem a Deus. Dentro de si mesmo o homem Péguy encontrou os recursos que o levaram à verdade pela inteligência e pelo sentimento: o poeta se apóia no que há de mais aparentemente elementar, mas de mais sincero: é no catecismo que busca os elementos para a sua doutrinação poética, o catecismo que já trazia as verdades eternas, imutáveis, a palavra de Deus na sua forma mais singela, à altura da compreensão de todos. Aquele catecismo que ele ia aprender às quintas-feiras, muito longe de casa, na cidade, na antiga paróquia de Saint-Aignan, atravessando um caminho de castanheiros pesados.

Em "Le Porche du Mystère de la Deuxième Vertu" reproduz as perguntas e respostas do catecismo, como quem se volta para outrora e traz da infância a pureza intocada:

" — *Qu'est-ce que l'Espérance?*

" — *L'Espérance est une vertu surnaturelle par laquelle nous attendons de Dieu avec confiance, sa grâce en ce monde et la gloire éternelle dans l'autre.*

" — *Faites un acte d'Espérance.*

" — *Mon Dieu, j'espère, avec une ferme confiance, que vous me donnerez, par les mérites de Jésus-Christ, votre grâce en ce monde et, si j'observe vos com-*

mandements, votre gloire dans l'autre, parce que vous me l'avez promis, et que vous êtes souverainement fidèle dans vos promesses."

É esta redescoberta que alegra a alma de Péguy, como a festa da volta do Filho Pródigo, que ele canta nas suas longas caminhadas em que os largos horizontes geográficos correspondem à abertura do horizonte interior e a paisagem plana, iluminada, que ladeia a estrada, funciona como símbolo da Verdade reencontrada. E a fé e a esperança e a caridade se juntam, para a confirmação do mistério, diria melhor, dos mistérios, que estariam transpostos, depois, nos versos, derramados copiosamente, amorosamente, pelo poeta.

*

* *

*Como o operário constrói a catedral e a capela,
pedra por pedra,
repetindo o gesto e o tijolo,
assim compõe Péguy o seu poema.
Como o agricultor cultiva o campo,
conhecendo e amando e fecundando
o seu chão,
assim compõe Péguy o seu poema.
Como o jardineiro cuida da sua terra,
que lhe devolve em beleza,
com a resposta das rosas,
o suor com que rega as suas plantas,
assim compõe Péguy o seu poema.
Como o pastor que guarda as suas ovelhas
conversando com as nuvens,
no diálogo com a natureza, que lhe revela,
no silêncio fecundo da noite,
o mistério do concerto universal,
assim compõe Péguy o seu poema.
Como o nauta consultando as estrelas no alto-mar.
entre o perigo e a tranqüilidade,
entre os abismos mais profundos*

*e a confiança que lhe empresta o seu navio,
assim compõe Péguy o seu poema.
Como o montanhês que no alto da montanha
purifica o corpo e a alma,
certo de receber mais perto do céu, a bênção pleiteada,
como o camponês que surpreende a aurora
e saúda o sol como uma graça,
assim compõe Péguy o seu poema.
Como o lenhador que ao meio-dia
repousa um instante o corpo cansado
debaixo da árvore bíblica,
e agradece a sombra,
que é a mão de Deus,
assim compõe Péguy o seu poema.
Como o monge que ao toque do "angelus"
se recolhe para a oração
e se despede do irmão sol,
que vai levar para outros, a glória do amanhecer,
assim compõe Péguy o seu poema.
Como o homem solitário,
que acolhe a noite,
a irmã que vem niná-lo
e o faz adormecer tranqüilo.
assim compõe Péguy o seu poema.
Como o artista, no ato de amor da criação,
empresta a sua alma à pedra e à tela
e lhe dá vida, beleza, cor, expressão e sentimento,
assim compõe Péguy o seu poema.
Como o crente ajoelhado diante do altar
na conversa direta com Deus,
como quem labora louvando,
como quem louva laborando,
como quem reza, como quem canta,
como quem chora, como quem ri,
como quem sofre, como quem ama,
assim compõe Péguy o seu poema
Péguy, o Poeta da Esperança.*